

Ler correspondência: (um) modo de fazer

Prof. Dr. Emerson Tinⁱ (FACAMP)

Resumo:

A correspondência de escritores tem sido lida, por exemplo, ora como laboratório de criação, ora como fonte de dados biográficos que corroboram ou contradizem hipóteses formuladas a respeito de seu autor. Na maioria das vezes, contudo, afastam-se ou ignoram-se fatores fundamentais para a compreensão do gênero epistolar, como a inscrição de sua produção no tempo, elemento determinante para sua configuração. Esse fator, inclusive, é responsável por uma certa instabilidade característica da carta, escrito efêmero por natureza. O objetivo desta comunicação, nesse sentido, é apresentar, a partir da análise de trechos selecionados da correspondência de Monteiro Lobato, uma possibilidade de leitura de exemplares do gênero epistolar que leve em conta alguns desses fatores, de modo a redimensionar algumas das conclusões a que se chega quando não se consideram esses requisitos.

Palavras-chave: correspondência, gênero epistolar, cartas, Monteiro Lobato.

Lê-se um poema da mesma maneira que se lê um conto ou um romance? A resposta parece ser óbvia: a leitura de um poema exige uma predisposição do leitor diferente daquela que o mesmo leitor arregimenta para a leitura de um conto ou de um romance. Características de cada um desses gêneros devem ser levadas em conta para a sua leitura, compreensão e análise. Se isso é verdade para esses gêneros literários, por que seria diferente para a leitura de correspondência?

A leitura de cartas exige, assim como a leitura de poemas, contos, romances, peças de teatro, um olhar atento às características do gênero epistolar. Eis algumas delas. Cartas são escritos frágeis, precários, datados, há quem diga fúteis, há quem diga transitórios. Escritas muitas vezes em papéis de má qualidade, ou naquele que se tem à mão, sem – aparentemente – preocupação alguma com sua conservação para a posteridade, muitas das cartas literalmente se dissolvem com o passar dos anos, cumprida a sua função imediata de comunicação entre os correspondentes. Mesmo que, posteriormente, reunida em livro, uma correspondência não deveria ser lida sem que se levassem em conta essas características.

A prática corrente, todavia, costuma contradizer essa recomendação. O que se vê, o mais das vezes, são conclusões absolutas a partir de trechos extraídos de cartas, sem se considerarem elementos essenciais ao gênero, ligados ao contexto de sua produção, como o tempo e o lugar em que foram escritas, a quem o missivista se dirige etc. Ou seja, a partir de um trecho isolado e descontextualizado de uma carta, costuma-se chegar a conclusões definitivas sobre o seu autor

E por que ocorreria esse equívoco? Isso ocorreria talvez pelo fato de a carta supostamente integrar apenas o âmbito íntimo, privado, de um escritor. Essa visão adviria possivelmente de um olhar romântico destinado ao gênero, que veria a carta como um “grito” ou “espelho” da alma, expressão a mais fiel da intimidade e da identidade do remetente¹. Afinal, se em uma carta um determinado escritor expressou-se de uma ou de outra maneira, não há como se pôr em dúvida o que ali se lê, já que a carta seria um “grito” de sua alma. Com esse tipo de leitura, entretanto, muito do caráter retórico-argumentativo de uma carta se perdia sob a capa confessional que a crítica romântica lhes atribuía.

Não que a carta não esteja permeada de elementos da intimidade ou da identidade de seu signatário. Porém, devemos pensar que, se a carta é um retrato daquele que escreve, é também um retrato “possível de retocar antes de expô-lo na cena pública, como se começa a fazer com as

¹ Para uma discussão desse tema, v. DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*. Paris: PUF, 2002, p.31 e ss.

fotografias”. Aliás, a aproximação metafórica entre carta e fotografia pode ser muito mais produtiva do que se possa imaginar. Barbey d’Aurevilly chegou a conceber uma “metáfora fotográfica”, afirmando que “as cartas são finalmente apenas ‘espécies de fotografias nas quais se é tão feio e tão defeituoso quanto na outra...’” (apud DIAZ, 2002. p.112).

A metáfora fotográfica seria empregada também por Monteiro Lobato, em carta a Godofredo Rangel, incluída n’A *Barca de Gleyre*, e datada de 1º de maio de 1919:

Só agora, que as reclamaste com autoridade de Juiz, quase sob vara, disponho-me a devolver-te as cartas. Mas antes quis relê-las. Estão comigo há quanto tempo? E só agora pude correr os olhos sobre algumas. Que fotografias, meu caro! *Snap-shots*. Estamos ali inteirinhos, com os sonhos todos e a grande ânsia de criar... (LOBATO, 1964. 2º t., p.195)

Tal como a fotografia, a carta registra um instante. Se é verdade, como disse d’Aurevilly, que aparecemos na carta tão feios e defeituosos como aparecemos numa foto, também é verdade que a feiura e os defeitos podem ser mascarados.

Sendo assim, a carta, como uma fotografia instantânea, documenta um momento de uma relação entre duas pessoas (relação comercial, de amizade, de parentesco, de amor etc.) e, tal como o momento que representa, o que estampa tem um caráter fugaz, transitório, efêmero. O que é afirmado hoje pode ser confirmado ou contradito daqui a 5 meses (ou 5 anos). O máximo que uma carta permite afirmar, como documento, é o mesmo que uma fotografia permite afirmar dos traços do rosto de uma pessoa: “naquele momento, eu era assim”. Nesse sentido, a metáfora fotográfica aplicada em relação ao gênero epistolar permite um olhar diferente sobre o aspecto documental das cartas.

É também o alerta que nos faz Luiz Felipe Baêta Neves:

para um tratamento acadêmico das cartas, enquanto “fonte” histórica; é preciso evitar especialmente duas falácias. A primeira identificaria a “autoria” da carta a uma ideia de sujeito “livre e instaurador de si”. A segunda identifica a carta a *verismo*, a realismo ou naturalismo, em um exercício de expulsão necessária da carta de todo imaginário (como se este fosse “fonte” de deformação e/ou falsidade histórica). (NEVES, 1988. p.192)

Ao mesmo tempo, se considerarmos a carta como um exemplar de “escrita de si”, de “escrita do eu”, temos de levar em conta que nela,

Si intime soit-elle, le sujet s’énonce et s’annonce sur le mode du pour autrui, en relation avec un Tu ou un Vous. La présence de l’autre, auquel les écritures sont dédiées, introduit une disposition existentielle différente; il s’agit de solliciter l’attention, de capter la bienveillance d’une autre personne, dont la présence absente irradie tout le champ de la parole. (GUSDORF, 1991. p.152).²

Esse enunciar-se e anunciar-se para outrem não se faz de modo aleatório. Ao escrever uma carta, o remetente se comporta como se estivesse na presença do destinatário. Nesse sentido, deve-se acrescentar que

quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há

² Por mais íntima que seja, o sujeito se enuncia e se anuncia *para outrem*, em relação com um destinatário menos ou mais íntimo. A presença do outro, ao qual os escritos são destinados, introduz uma disposição existencial diferente; trata-se de solicitar a atenção, de captar a benevolência duma outra pessoa, da qual a presença ausente irradia todo o campo do discurso.

comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (GOFFMAN, 1985. p.11).

Ademais, “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.” (GOFFMAN, 1985. p.13-14).

A carta parece, assim, apontar para um processo de teatralização do eu, em que subiria ao palco um eu com a máscara – *persona* – mais adequada para o público que está na plateia. Esse processo de *mise-en-scène* do discurso epistolar foi observado de modo preciso por Marcos Antonio de Moraes em relação à correspondência de Mário de Andrade, outro grande epistológrafo brasileiro da primeira metade do século XX:

a carta pressupõe dois componentes determinantes: o “diálogo” e a “*mise-en-scène*”. Se o diálogo confere a cumplicidade sugerida por Mário, a encenação direciona a escrita, pois o missivista, consciente ou inconscientemente, passa a atuar em face dos diversos destinatários, modificando-se com a intimidade ou se afirmando no discurso desejado. (MORAES, 2001. p.20).

Nesse sentido, todo o contexto de uma carta, seja para o seu destinatário imediato, seja para o seu destinatário mediato, depende do próprio discurso epistolar. Os elementos extraverbais selecionados pelo remetente fazem parte do processo de encenação do eu dentro da carta. Vejamos, por exemplo, a carta escrita por Lobato a Anísio Teixeira, a 12 de abril de 1930, em Nova Iorque, em que descreve o cenário da escrita do texto:

Estou a escrever-te na sala de jantar, com Purezinha defronte, de óculos a Harold Lloyd no nariz, também a fazer a correspondência interminável das quintas, e a Rute botando bigodes nas figuras dum Shadowland. Está também a Marta e ainda uma intrusa que não conheces, Miss Joyce. É uma americanazinha nascida a 29 de fevereiro deste ano, no Woman’s Hospital, que me pregou a peça de me fazer *grandfather* quando menos o esperei. Avô, estou essa coisa, Anísio... (VIANNA, 1986. p.51).

Poder-se-ia argumentar que a descrição da cena é absolutamente desnecessária. É, contudo, a maneira original que Lobato imagina para contar a Anísio que se tornou avô: descreve a cena, enumera as personagens e, no meio delas, uma desconhecida, a neta, que vem a ser apresentada. Afinal, o exercício epistolar pressupõe, em si, o exercício da sociabilidade. Escrever cartas é, o mais das vezes, manter relações sociais, manter relações de afeto e cordialidade.

Outro efeito que a correspondência acarreta é o desdobramento dos correspondentes de suas pessoas reais. Da mesma maneira que, na carta, um cenário é montado e descrito, visando à verossimilhança da presentificação dos correspondentes, também estes, ao subirem à cena epistolar, põem a máscara da personagem que assumem um diante do outro. Assim, lemos na conclusão da carta dirigida a Rangel, escrita em São Paulo, a 02 de junho de 1904, quando Lobato estava concluindo o curso de Direito:

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida prática” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideais) está a pingar o ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas. (LOBATO, 1964. 1º t., p.61)

Note-se que Lobato desdobra a própria existência em duas, a de um Lobato ideal, o Lobato das cartas – que morreria com a entrada na “vida prática” –, e a de um Lobato real, que seria fazendeiro. Lobato e Rangel só existiriam, assim, na utopia das cartas, quando se presentificariam

um perante o outro. Numa carta de Areias, de 1908, Lobato escreveria:

Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. (LOBATO, 1964. 1º t., p.220)

Presos à “vida prática”, ambos os correspondentes são, no dizer de Lobato, Hansel e a velha feiticeira simultaneamente, que se tapeiam mutuamente por meio das cartas. Cada carta é um engodo apresentado ao outro, uma encenação que se repete a cada troca epistolar. Um bom exemplo disso é a carta de Areias escrita a 03 de agosto de 1909, em que Lobato diria: “estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o *Bocartorta*.” (LOBATO, 1964. 1º t., p.256) Ao reler a carta para incluí-la n’A *Barca de Gleyre*, Lobato escreveria, de São Paulo, uma outra datada de 05 de setembro de 1943:

Numa das minhas cartas, que peguei ao acaso, encontro esta nota: “Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o *Bocartorta*.” Desconfio que falei em “10 mil réis” para te dar inveja, pois tenho uma vaga ideia de que realmente só me pagavam 5. Está aí um ponto que qualquer criticastro do futuro resolverá com a maior segurança – e no entanto eu, que afirmei os 10 mil réis, sou obrigado a deixar o ponto em obscuro. Talvez eu falasse em 10 mil réis porque para todos nós naquele tempo ganhar 10 mil réis com um piolho extraído do cérebro devia ser um sonho de grandeza – e de todos do Cenáculo era talvez eu o primeiro a alcançar extraordinária bonança. Haveria em nosso grupo outro que estivesse ganhando tanta coisa, ou com possibilidades de ganhar tanto, com os piolhinhos cerebrais? (LOBATO, 1964. 2º t., p.352)

A afirmação de Lobato, nessa carta, pondo em dúvida o dado supostamente objetivo da carta anterior, tem muito mais consequências do que a mera relação entre as duas cartas dentro d’A *Barca de Gleyre*. Ela funcionaria como uma advertência ao leitor, destinatário mediato das cartas, para que saiba avaliar aquilo que lê. Também ao leitor de suas cartas Lobato estende, como Hansel, o rabinho de rato...

Fenômeno semelhante foi observado por Marcos Antonio de Moraes em relação à correspondência de Mário de Andrade com Anita Malfatti:

Regras de polidez não permitem que Mário de Andrade trate abertamente de todos os assuntos nas cartas a Anita Malfatti. A delicadeza modula o contar de si mariodeandradiano quando, em 15 de outubro de 1926, o escritor resolve compartilhar com a amiga pintora os tormentos da cirurgia a que se submetera. Desvela essa hora difícil de sua vida com minúcia voluptuosa, acentuando os “martírios” do restabelecimento, as dores de cabeça lancinantes, “vertigens de dor”, desenhando a sombra funesta de uma vida que periclitará. A escrita recia a ambiência da cura, mas esconde a origem da doença. No lugar da franqueza, Mário prega uma mentira inócua; havia tido “pra todos os efeitos uma apendicite”, explicação que é paliativo de urbanidade na conversação com uma mulher e, mais distante desse duo, armadilha para futuros biógrafos desavisados do caráter movediço da verdade no gênero epistolar. Cinco dias antes desse relato *ad usum Delphini*, Mário escrevia a outro amigo, sete anos mais velho, o poeta pernambucano Manuel Bandeira, descortinando a face reservada da operação: “umas filhas da... de hemorroidas” cuja cicatrização ainda retardava “talvez por causa de sífilis”.(MORAES, 2007. p.85).

Pode-se concluir que, na leitura de correspondências, além de serem consideradas as características do gênero, cada um dos exemplares deve ser lido no contexto em que foi produzido, observando-se o tempo e o lugar em que foi escrito, assim como a imagem que o remetente pretende construir de si para o destinatário e a relação que aquele mantém com este.

Nesse sentido, vejamos um outro exemplo extraído da correspondência lobatiana. Novamente cuidando da “vida prática”, Lobato escreveria, a 24 de abril de 1922, ao médico baiano Artur Neiva:

ontem, estando com o Fontoura, aproximou-se o Reis e aderiu ao café. Contou-me que recebera carta sua, queixosa das viagens diárias a que o serviço em Manguinhos o obriga. Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito, e sobre o erro que o Sr. comete persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tiram partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia, montando um laboratório aí ou aqui, fazer uma carreira econômica rápida. Não vê o Fontoura como está próspero? O próprio Afrânio só no Fontoura já tira mais de um conto por mês, e disse-me o Fontoura que breve tirará duas, três, quatro vezes mais. Porque o Sr. não pensa nisto? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta própria aqui em S. Paulo, p. ex. que clientela enorme não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa da vitória, porque provinda de iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho para isso? ³

Neiva parece ter ficado ofendido com a sugestão de Lobato. Numa carta bastante polida, mas em que se percebe uma certa indignação, Neiva diria a Lobato, a 08 de maio de 1922:

Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Imensas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria, bem sei. Tal liberdade se faria, no entanto, à custa do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos, onde cheguei peregrinando qual novo Tannhäuser, e consoladoramente também vi o milagroso reverdecer do ressequido cágado que me acompanhava. Que se procura na vida, meu bom amigo? A felicidade? Essa, porém, eu a encontrei no lar. Minha companheira, os 2 filhos, algumas árvores, livros, música à noite: eis o meu paraíso doirado. A vida me tem sido áspera por vezes e periodicamente trago goles de fel que me fazem amargo dias seguidos, são vaivéns naturais do viver; mas até hoje, o meu lar tem sido o encantado ninho de sempre e onde me retempero. Quanto vale tal riqueza? No cinturão, guardo ainda um furo para quando a necessidade for mais premente. ⁴

Lobato, por sua vez, parece ter se sentido incomodado com a carta. Teria cometido uma indiscrição? Teria abusado da amizade de alguém tão importante como o Dr. Neiva? O que responder? Acaba se decidindo pelo que parece ser uma evasiva, a 20 de maio de 1922:

Recebi uma carta sua, longa, e comecei a lê-la quando alguém me interrompeu. Foi um dia de muito movimento cá. Pois há de crer que essa carta desapareceu de minha mesa, misteriosamente? Dei uma busca em regra, repeti a busca – inútil. O Saci, um espírito qualquer entrou cá e “soverteu” a carta. É assim que respondo à sua última para dizer esta coisa estranha – que a recebi, mas não fui além das primeiras linhas. ⁵

Efetivamente perdida a carta de Neiva no burburinho da editora, ou a confusão da mesa seria um bom pretexto para evitar insistir num assunto que tanto melindrara o destinatário? Uma leitura superficial ou isolada da carta acima poderia levar o pesquisador a erro, que poderia tomá-la apenas como um indício do grande movimento da editora de Lobato. Sua leitura ao lado da carta a que responde, porém, redimensiona as conclusões a que se pode chegar, permitindo, inclusive, a formulação da hipótese de que, ao contrário do que afirma, Lobato não teria perdido a carta, mas teria encontrado nesse subterfúgio uma maneira discreta de evitar prolongar, em relação a um destinatário que tinha em alta consideração, um assunto penoso e delicado.

³ Pasta AN C 18-06.21, documento nº 15, datado de 24 de abril de 1922 (CPDOC/FGV). Manuscrito assinado.

⁴ Pasta AN C 18-06.21, documento nº 16, datado de 08 de maio de 1922 (CPDOC/FGV). Trata-se de um rascunho escrito a lápis, com todas as idas e vindas da escrita. A versão transcrita acima recupera somente o texto não rasurado.

⁵ Pasta AN C 18-06.21, documento nº 17, datado de 20 de maio de 1922 (CPDOC/FGV). Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO; anotado ao lado do vocativo: R – 24 – 5 – 22.

Um último exemplo, extraído da carta redigida em São Paulo ao poeta Cesídio Ambrogi, datada de 10 de maio de 1945:

Não te precipites no julgamento do Prestes. Porque, se nos falha o Prestes, que teremos pela frente que nos anime com um pouco de esperança? Ele não aderiu ao Getúlio. Está apenas ganhando tempo. Calma, calma.

Leia esse recorte. Veja o que os russos fazem nos países que eles libertam. Não libertam só dos alemães. Imagine que beleza a divisão assim do latifúndio que me descreves! ⁶

Esse trecho apologético a Luís Carlos Prestes e ao regime soviético poderia muito bem ser utilizado por alguém que quisesse provar que Monteiro Lobato era comunista. Ou então, levando-se o argumento ao absurdo, a despedida dessa mesma carta poderia ser empregada por aqueles que quisessem defender que Lobato seria adepto dos castigos físicos: “Adeus. Saudades e palmadas nos meninos”.

Esses dois últimos exemplos permitem-nos perceber que, mal empregados, trechos de correspondência podem levar a equívocos – intencionais ou não – de leitura e de interpretação. Justamente por isso, considera-se essencial uma leitura de correspondência que, em vez de simplesmente pinçar trechos e empregá-los de modo descontextualizado, leve em consideração todo o contexto de produção de uma determinada carta – e que leve em consideração, sobretudo, uma das principais características do gênero epistolar: a sua absoluta efemeridade.

Desse modo, a partir dos trechos analisados e levando-se em conta sempre as características do gênero epistolar, pode-se concluir que, em relação à leitura de correspondência, muitas vezes pode ser mais importante ater-se ao avesso do texto, ao que ele não explicita, do que ao que efetivamente se pode ler. Afinal, pode-se estender também à correspondência aquilo que Lobato afirmou, em carta a Cesídio Ambrogi, sobre os livros: “As coisas mais belas que um leitor encontra num livro não são o que pomos nele – são o que está dentro do leitor e nós apenas sugerimos”. ⁷

Referências Bibliográficas

DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*. Paris: PUF, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GUSDORF, Georges. *Les Écritures du Moi, Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, 2 t.

_____. Carta a Artur Neiva, 24 de abril de 1922. Manuscrito. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro (Pasta AN C 18-06.21, documento nº 15).

_____. Carta a Artur Neiva, 20 de maio de 1922. Manuscrito. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro (Pasta AN C 18-06.21, documento nº 17).

_____. Carta a Cesídio Ambrogi, 10 de maio de 1945. Cópia xerográfica de datiloscrito assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo (pasta 33A, documento 3567).

_____. Carta a Cesídio Ambrogi. Cópia xerográfica de datiloscrito datiloscrito sem data – anotado a lápis no alto da folha: provavelmente de 1943. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo (pasta 33A, documento 3586).

⁶ Cópia xerográfica de datiloscrito assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3567.

⁷ Cópia xerográfica de datiloscrito sem data – anotado a lápis no alto da folha: provavelmente de 1943. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3586.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007, p.85.

MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001.

NEIVA, Artur. Carta a Monteiro Lobato, 08 de maio de 1922. Rascunho manuscrito. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro (Pasta AN C 18-06.21, documento nº 16).

NEVES, Luiz Felipe Baeta. “Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa”. In: *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc, 1986.

iAutor

Emerson TIN, Prof. Dr.
Faculdades de Campinas (FACAMP)
emersontin@gmail.com